

Tudo a declarar

Marlos Nobre solta o verbo

A FCDF
EM QUESTÃO

Enfim, o maestro Marlos Nobre, diretor executivo da Fundação Cultural do DF, resolveu se manifestar sobre uma série de críticas à instituição que dirige. Segundo ele, o silêncio se deve à sua formação intelectual e humana que o torna arredo a debater questões que classifica como "menores e falatórios".

Marlos enviou uma longa carta ao CORREIO BRAZILIENSE, onde rebate as críticas e os "falatórios" e chega a insinuar que as matérias publicadas nos dias 15.5. e 23.5. são exemplos que evidenciam o contrário de um jornalismo sério e construtivo. Lembramos que o repórter passou vários dias tentando obter da direção da FCDF uma declaração, o máximo que recebia como resposta de uma secretária era o clássico "nada a declarar". Por uma questão de espaço, os itens da carta de Marlos Nobre que falam sobre "o papel da Fundação", "programação do Teatro Nacional" e "obras faraônicas", serão publicados amanhã. O debate está aberto. (Romário Schettino)

“Nem sempre interpretações precipitadas, levadas ao grande público pelos veículos de comunicação, fazem bem à comunidade servida por esses veículos. E o que dizer quando os fatos são deliberadamente distorcidos e tendenciosamente apresentados, visando uma verdadeira campanha de manipulação da imagem da Fundação e da sua atual Diretoria, a serviço de interesses nem sempre claros de certos grupos e de pessoas isoladas?

Afinal, fazer bem à comunidade é informar tudo da maneira mais correta, procurando nada omitir e evitando análises parciais e tendenciosas.

A recente série de artigos do repórter Celso Araújo do CORREIO BRAZILIENSE sob os títulos "Nada a Declarar" e "Uma Fundação Extinta" evidenciam todo o contrário de um jornalismo sério e construtivo.

A Fundação Cultural, através da sua direção, deve e quer prestar contas do seu trabalho. Necessita receber críticas para o processo de aprimoramento desse trabalho.

Em função, entretanto, das mentiras e distorções veiculadas nas referidas matérias, creio oportuno abordar todos os pontos que merecem um perfeito esclarecimento à população de Brasília.

Mantive o silêncio, até agora, porque minha própria formação intelectual e humana torna-me arredo a debater questões menores e a rebater falatórios. O nível dos artigos mencionados e dos depoimentos recolhidos, beira o limite provinciano de uma conversa de comadres. Ora, a minha visão pessoal de Brasília e do seu meio cultural mantém-se ainda num patamar bem mais alto. Os debates de "Fala Brasília", apesar de nem sempre mostrarem uma classe cultural amadurecida, indicaram-me claramente que eu não lidaria com mero produtores de fofocas. E o meu próprio senso de justiça impede-me de generalizar minha decepção atual, ampliando-a. Muito ao contrário, limito-a à sua justa medida e à medida pequena de seus poucos protagonistas.

A meu ver, toda e qualquer polêmica, para ser válida, deve necessariamente manter-se no plano superior de idéias, na discussão dos problemas comuns e na defesa dos interesses coletivos da comunidade cultural.

Ao sair para o terreno de ataques puramente pessoais, deixa de ser polêmica e cai na histeria pura e simples. Os problemas fundamentais passaram a ser descartados e vemos um triste e lamentável desfilar de depoimentos inconsistentes, em alguns casos. Procurarei portanto, por respeito a mim mesmo, ao público do jornal e aos verdadeiros produtores culturais do Distrito Federal, ater-me aos fatos construtivos".

“As taxas do Teatro Nacional são as mais baixas do País!”

"As taxas do Teatro Nacional são as mais baixas do País! Justamente após um levantamento dos preços cobrados nos demais teatros brasileiros, a direção executiva da Fundação Cultural propôs ao Conselho Deliberativo as atuais taxas, que foram aprovadas.

A título de exemplo eis algumas das taxas cobradas no resto do País: o Teatro Guaíra de Curitiba cobra 49,5 OTNs acrescidas do pagamento ao Teatro de 15% da bilheteria. Para os grupos paranaenses a taxa é única e alcança 30 OTNs; o Teatro Cultura Artística de São Paulo cobra uma taxa variável entre 120 (mínimo) e 150 OTNs (máximo), devendo ser pago 50% deste valor no ato da reserva da data. Poderá também ser cobrada a mais uma taxa de 18% sobre a bilheteria; o Teatro Palácio das Artes de Belo Horizonte cobra uma taxa de 50% OTNs; o Teatro Municipal do Rio de Janeiro cobra uma taxa variável entre 15 e 25% sobre a lotação total do Teatro, a ser paga de toda maneira com o Teatro cheio ou vazio. No caso de aluguel do Teatro é cobrada uma taxa de 1.000 OTNs. Em todos estes Teatros, nenhum deles fornece a confecção dos ingressos. O Teatro Nacional de Brasília fornece os ingressos.

A Fundação Cultural cobra as taxas de 30 e 20 OTNs para as Salas Villa-Lobos e Martins Penna, respectivamente e 15% da bilheteria.

Os grupos de Brasília estão isentos do pagamento das taxas em OTNs".

“Carlos Vereza mentiu. Talvez buscasse publicidade para sua passagem em Brasília?”

Até hoje absteve-me de comentar o caso do Carlos Vereza e toda a celeuma que ele andou provocando com a história da dispensa das taxas da Martins Penna onde ele se apresentou. E o fiz justamente para evitar de chamá-lo simplesmente de mentiroso. N-ao há justificativa para seu péssimo comportamento ético e profissional. Conversei antes com o Carlos Vereza a quem conheço há 20 anos e ouvi suas justificativas e sugestões. Sua primeira mentira foi ter declarado não lhe ter sido permitido argumentar e mostrar seu caso na Fundação Cultural.

Sua segunda mentira foi dizer que a atitude da Fundação foi inflexível. Ora nossa conversa foi cordial e acordamos de comum acordo que ele nada pagaria antes e sim, após o término de suas apresentações. Avisei-o que o Conselho Deliberativo da Fundação poderia examinar a dispensa

da taxa, caso ele apresentasse razões concretas de prejuízo financeiro. Que dizer de seu comportamento então?

Talvez buscasse um pouco de publicidade para sua passagem em Brasília?

Consegui-o por motivos óbvios... Atacar a Fundação tornou-se um hábito e uma moda mas eu aviso: rebaterei a partir de agora cada mentira, cada distorção, cada ataque tendencioso e o farei em benefício da cultura nesta cidade. Aliás não quero omitir a posição do Conselheiro Carlos Augusto Pereira da Silva na reunião do Conselho Deliberativo onde se discutiu o caso Vereza. São suas, as palavras gravadas na reunião: "É preciso fazer uma linha dura contra esses pedidos de dispensa de taxas no Teatro Nacional. O Vereza prestou um desserviço à classe teatral".

Aliás o Sr. Carlos Augusto fez questão de desmentir, na citada reunião do Conselho, o depoimento que lhe tinha sido atribuído pelo repórter assinado RS da matéria "Nada a declarar" de 15.05.88.

Com essas negativas e rebates falsos, como julgar afinal a linha desse repórter de um jornal da categoria do CORREIO BRAZILIENSE?

“A funcionária de lindos cabelos loiros” foi demitida por incompetência. A Chefe de Gabinete possui “lindos cabelos negros”

Em primeiro lugar a criação de Associações de Arte e Cultura foi uma das mais repetidas recomendações que andei fazendo no Fala Brasília e no Fala Satélite. Organizem-se, criem projetos, pressionem para sua efetivação. E portanto uma imensa satisfação ver a recente criação das Associações de Arte no Guará e em Taguatinga.

Na Fundação Cultural, um desses dias, fui informado da existência de uma lista de 25 demissões. Como o próprio Diretor Executivo não sabia absolutamente do que se tratava, tive reunião com os funcionários e informei-os da absoluta fantasia e inveracidade do boato.

Ora, após assumir a direção da FCDF venho procurando manter reuniões periódicas de trabalho, informação e esclarecimento com os representantes do Sindicato (SENALBA).

Os desvios de função, que encontrei na FCDF, são hoje motivo de estudo de uma comissão que instaurarei para resolver o problema.

Propus no próximo acordo Sindical a instituição de lanche gratuito aos funcionários que trabalham aos sábados, domingos e feriados.

O atraso da entrega dos passes ocorreu por culpa da empresa fornecedora que retardou a confecção dos novos passes. Quanto às mudanças de pessoal, só as fiz no campo dos cargos de confiança. A tão citada funcionária de "lindos cabelos loiros" foi afastada por mim, por incompetência no serviço. A Chefe de Gabinete não teria por que se preocupar com o assunto, sendo ela mesma possuidora de "lindos cabelos negros".

“Prestar contas não é uma exigência da Sra. Chefe de Gabinete da FCDF. É exigência do Conselho Deliberativo”

O Sr. Carlos Augusto acusa-me de "personalista" e de "não ter consciência de estar lidando com recursos públicos".

E esse mesmo Senhor Carlos Augusto que, no Conselho Deliberativo da FCDF, opôs-se firmemente contra a obrigatoriedade de prestação de contas pelos grupos teatrais dos auxílios recebidos da Fundação Cultural. Foi voto vencido pois seus argumentos eram inconsistentes.

E foi justamente em nome da minha consciência de lidar com os dinheiros públicos, que propus a necessidade de que cada beneficiado apresentasse um simples plano de gastos prévios e posteriormente os recibos das despesas. Tal exigência, conforme disse ao Sr. Carlos Augusto, vinha do próprio Tribunal de Contas e é de uma simplicidade franciscana. Não é uma exigência da Sra. Chefe de Gabinete da FCDF, que ao comunicá-las ao grupo da peça "Eu Matei Dulcina" (sic), apenas informava normas emanadas do Conselho Deliberativo da FCDF. A reclamação de atores eventuais ou produtores a respeito destas normas devem ser dirigidas a quem de direito. Caso queiram, enviem recurso da decisão ao Conselho Deliberativo para que o próprio Conselho delibere e decida.

A Sra. inconsequente Suzy Capó, autora de uma "denúncia" na matéria de 23.05.88, atriz de teatro do elenco "Eu Matei Dulcina", bateu na porta errada.

Outras declarações do maestro Marlos Nobre na edição de amanhã